

O PAPEL DO GESTOR E DA ESCOLA DIANTE DO BULLYING

Josana Lima¹
Ingrid Ertel Sturmer Ingrassia²

Resumo: Este artigo pretende discutir o papel do gestor e da escola diante do *bullying*. Para entender melhor esse assunto e buscar as explicações necessárias para responder aos questionamentos feitos pelos educadores e por especialistas em educação, definiu-se como tema central e problema de pesquisa, o seguinte questionamento: O que pode ser feito para minimizar as manifestações de *bullying* nas escolas? Para responder a este questionamento, buscou-se teorias e outras publicações que fundamentem tal resposta, de maneira que gestores e escolas consigam orientar suas ações de combate ao *Bullying* e de acolhimento e escuta às vítimas e suas famílias, bem como, os praticantes do *bullying*, pois estes também precisam ser ouvidos. Os autores escolhidos para fundamentar este ensaio são os seguintes: Fernandes (1994), Lima (1996), Abramovay (2005), Fante (2005), Foucault (1980), Libânio (1994) e Castro (2012). Hoje em dia o *bullying* está presente em grande parte das escolas do mundo inteiro, porém, em algumas, as consequências são mais graves do que nas outras, podendo chegar até mesmo a suicídios e/ou homicídios, dependendo da intensidade da violência praticada e da condição psicológica do praticante e do agredido. Nesse sentido, cabe ao professor “cortar o mal pela raiz” antes que ele se alastre e cause mais vítimas. Mas é preciso lembrar que o professor não age sozinho, ele depende da colaboração da equipe de gestão dentro da escola, da família e dos próprios envolvidos para que suas ações não se percam e possam ser de grande valia, tanto para vítimas como para praticantes de *bullying*.

Palavras-chave: *Bullying*. Violência Escolar. Gestão Educacional.

Abstract: *This article aims to discuss the role of the manager and the school in the face of bullying. To better understand this subject and seek the necessary explanations to answer the questions asked by educators and education specialists, the following question was defined as a central theme and research problem: What can be done to minimize manifestations of bullying in schools? To answer this question, we sought theories and other publications that support this response, so that managers and schools can guide their actions to combat*

¹ Acadêmica, licenciada em Geografia pela Faculdade Cenecista de Osório; Especialista em Gestão Escolar, Orientação Educacional e Supervisão Educacional, pela Unicnec; Graduanda em Pedagogia na Unicnec Osório.

² Orientadora e docente do curso de Pedagogia EaD na Unicnec Osório. Mestra em Educação.

Bullying and welcome and listen to victims and their families, as well as those who practice bullying, as these also need to be heard. The authors chosen to support this essay are the following: Fernandes (1994), Lima (1996), Abramovay (2005), Fante (2005), Foucault (1980), Libânio (1994) and Castro (2012). Nowadays, bullying is present in most schools around the world, however, in some, the consequences are more serious than in others, and can even lead to suicides and/or homicides, depending on the intensity of the violence practiced and the psychological condition of the perpetrator and the victim. In this sense, it is up to the teacher to “nip the evil in the bud” before it spreads and causes more victims. But it is necessary to remember that the teacher does not act alone, he depends on the collaboration of the management team within the school, the family and those involved so that their actions are not lost and can be of great value, both for victims and practitioners of bullying.

Keywords: *Bullying. School Violence. Educational management.*

Introdução

O *bullying* é um tema atual e discutido no mundo inteiro, em todos os meios sociais de convívio entre adultos e crianças. Nas escolas, principalmente nas de Ensino Fundamental, por se tratar de um público formado, basicamente por crianças e adolescentes, com idades entre seis e quatorze anos e, em alguns casos com mais de quinze anos, vem ganhando destaque devido a acontecimentos marcantes, os quais vem à tona por sua gravidade e por suas consequências nas vidas das crianças e adolescentes vítimas de *bullying*. A proposta deste ensaio é levantar alternativas junto aos teóricos escolhidos e em conjunto com a disciplina de Supervisão e Orientação Pedagógica para planejar e implantar ações que funcionem como prevenção das práticas de *Bullying* nas escolas.

Para entender melhor esse assunto e buscar as explicações necessárias para responder aos questionamentos feitos pelos educadores e por especialistas em educação, definiu-se como tema central e problema de pesquisa, o seguinte questionamento: O que pode ser feito para minimizar as manifestações de *bullying* nas escolas?

Para responder a este questionamento, buscou-se teorias e outras publicações que fundamentem tal resposta, de maneira que gestores e escolas consigam orientar suas ações de combate ao *Bullying* e de acolhimento e escuta às vítimas e suas famílias, bem como, os praticantes do *bullying*, pois estes também precisam ser ouvidos. Os autores escolhidos para fundamentar este ensaio são os seguintes: Fernandes (1994), Lima (1996), Abramovay (2005), Fante (2005), Foucault (1980), Libânio (1994) e Castro (2012).

Teorizações

No momento atual, o principal desafio do gestor escolar é saber lidar com os problemas comportamentais dos alunos e gerir seus professores para que consigam lidar com as mais diversas situações ocorridas na escola. Isto porque, a cada dia surgem mais crianças na escola e, muitas delas, não têm uma boa estrutura familiar e nem as referências mínimas de convivência em família. E esta confusão de valores e a banalidade dos sentimentos vem agravando cada vez mais os processos de relacionamento entre as pessoas e, por conseguinte, a aprendizagem. Por outro lado, a era digital tem contribuído, e muito, para a destruição dos princípios éticos e morais na escola. Não raras vezes, os meios de comunicação mostram histórias de crianças que sofrem violência de toda espécie, a qual vem de seus próprios colegas de sala de aula, por motivos banais, ocasionando o *bullying*, que é o tema central desta pesquisa.

De acordo com Fante (2005) e Lopes Neto (2005), a escola é palco de crenças enraizadas pelo poder simbólico. Por outro lado, os alunos, para perpetuarem estilos e modos de agir, se utilizam da violência simbólica, empregando seu poderio físico e seu repertório de agressões verbais para ferirem as vítimas em seus pontos mais fracos. No entanto, nem todo ato de violência cometido na escola pode ser chamado de *bullying*.

Os autores supracitados discorrem sobre situações de violência simbólica ocorrida nas escolas, porém, deixam muito claro que nem toda violência deve

ser classificada como *Bullying*. Assim, é preciso que o gestor escolar esteja muito bem preparado para solucionar, senão todas, a maioria das situações que envolvem violência simbólica e *bullying* na escola.

Segundo a Declaração de Salamanca (1994, pp.17-18):

As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem-dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas.

Se as escolas precisam acolher todas as crianças e adolescentes, cabe aos gestores dessas escolas, estarem preparados para lidarem com as mais diversas situações de violência, *bullying* e violência simbólica, pois a cada dia essas situações vêm se evidenciando e causando muitos desconfortos dentro do ambiente escolar.

Dentre as causas mais comuns que levam ao surgimento do *bullying* no âmbito escolar, Fante apud Castro (2012) destaca em sua pesquisa: 73% dos alunos que apresentam conduta de *bullying* representa a violência sofrida em casa; na escola, os dois lugares onde mais ocorrem as condutas de *bullying* são a sala de aula e o pátio da escola; [...]. O *bullying* acontece em todas as escolas, independente de serem públicas ou privadas. Segundo esta mesma pesquisa, quando a criança sofre com maus tratos repetitivos e tal comportamento se alastra para outras pessoas, dá origem ao *bullying*. Ainda de acordo com a mesma pesquisa, crianças com deficiência são alvos certos de conduta de *bullying* na escola.

De posse desses dados, cabe aos gestores escolares, em parceria com todo corpo docente e de funcionários da escola, encontrarem juntos soluções para estas condutas deixarem de ocorrer no ambiente escolar. Estas atitudes precisam ser tomadas para diminuir a incidência de práticas de *bullying* nas escolas, desde a Educação Infantil, passando pelo Ensino Fundamental e Médio.

Para Libânio (1994), o planejamento tem importância fundamental no trabalho do professor, pois é através dessa prática que ele consegue conciliar as mais diversas necessidades das crianças durante o tempo em que estão na escola. Por isso, segundo o autor:

O planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. A escola, os professores e alunos são integrantes da dinâmica das relações sociais; tudo o que acontece no meio escolar está atravessado por influências econômicas, políticas e culturais que caracterizam a sociedade de classe. Isso significa que os elementos do planejamento escolar – objetivos/conteúdos/métodos – estão recheados de implicações sociais, têm um significado genuinamente político. Por essa razão o planejamento, é uma atividade de reflexão a cerca das nossas opções e ações; se não pensarmos didaticamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes da sociedade. (LIBÂNIO, 1994, p.222)

Considerando os achados de Libânio (1994), o professor que planeja suas atividades levando em conta as implicações sociais que influenciam no dia a dia da sociedade e da escola, está considerando, também, que as crianças e os adolescentes são diariamente influenciados pela sociedade e essa influência pode causar nos estudantes condutas de *bullying*. Por esta razão, planejar aulas que alertam para a necessidade de não praticar o *bullying* e a violência simbólica deve ser um dos objetivos do professor ao planejar.

De acordo com Foucault (2008):

A lei proíbe, a disciplina prescreve e a segurança, sem proibir nem preservar, mas dando-se evidentemente alguns instrumentos de proibição e de prescrição, a segurança tem essencialmente por função responder a uma realidade de maneira que essa resposta anule essa realidade a que ela responde, anula, ou limite, ou freie, ou regule. Essa regulação no elemento da realidade é que é, creio eu, fundamental nos dispositivos de segurança. Poderíamos dizer também que a lei trabalha no imaginário, já que a lei imagina e só

pode ser formulada imaginando todas as coisas que poderiam ser feitas e não devem ser feitas. Ela imagina o negativo. A disciplina trabalha, de certa forma, no complementar da realidade. O homem é malvado, o homem é ruim, ele tem maus pensamentos, tendências más, etc. Vai-se constituir, no interior do espaço disciplinar, o complemento dessa realidade, prescrições, obrigações, tanto mais artificiais e tanto mais coercitivas por ser a realidade o que é e por ser ela insistente e difícil de se dobrar. Enfim, a segurança, ao contrário da lei que trabalha no imaginário, e da disciplina que trabalha no complementar da realidade, vai procurar trabalhar na realidade, fazendo os elementos da realidade atuarem uns em relação aos outros, graças e através de toda uma série de análises e disposições específicas. (FOUCAULT, 2008, p. 60)

Foucault (2008), ressalta a importância de se considerar a lei, a disciplina e a segurança no ambiente social. Trazendo essas considerações para o ambiente escolar e levando em conta a violência escolar e o *bullying*, planejar com segurança, pode sim garantir, pelo menos em parte, a prevenção a esta prática tão recorrente nas escolas. E, para que este planejamento seja realmente seguro e leve as crianças e os adolescentes a não mais praticarem o *bullying*, ou, pelo menos, diminuam significativamente esta prática, a gestão, a supervisão e a orientação escolar devem trabalhar em conjunto com toda a comunidade escolar.

De acordo com Gomes (2010 apud CRUZ, LOPES e OLIVEIRA, 2017, P. 61):

A violência está presente em todos os colégios, afirma a psicóloga Mayra Gaiato, que trabalha com grupos terapêuticos para vítimas de *bullying*. O importante, ressalta ela, é que o colégio esteja aberto a tomar medidas pedagógicas para combater essa prática nefasta. Uma boa escola não é aquela que finge não existir *bullying* ou que encara a prática com normalidade. É necessário explorar o talento dos alunos para que eles possam se posicionar contra os agressores. Mayra também chama a atenção para a necessidade de discutir sobre o tema na sala de aula. Para ela, episódios de

bullying devem ser debatidos geral e individualmente com frequência.

Sendo assim, planejar aulas que incluam atividades atrativas que tenham como tema o *bullying*, torna o assunto mais visível e os estudantes que são ou foram vítimas de *bullying* estarão mais preparados para enfrentar este tipo de violência, ou mesmo aqueles que praticaram ou ainda praticam, deixar de cometer tal violência contra colegas de turma e de escola. Para que seja possível o planejamento dessas atividades, tanto professores, como equipe de supervisão e orientação devem sentar para definirem juntos as estratégias a serem desenvolvidas.

Considerando os achados de Pereira, Silva e Nunes (2009 apud Trevisol e Campos, 2016, p. 278):

A educação da criança na família está muito centrada na competitividade e na vitória a qualquer preço e não está a ser direcionada para a aquisição de competências graduais, de acordo com a idade e adquiridas pela cooperação e solidariedade. E a escola, em vez de corrigir este enviesamento vai reforça-lo de inúmeras formas contribuindo para o clima de indiferença que se está a observar.

O papel da escola, neste caso, seria o de alertar as crianças e os adolescentes para o fato de que a prática do *bullying* apenas aumenta as diferenças entre as pessoas e, portanto, se queremos uma sociedade mais igualitária, o caminho é reduzir as diferenças em vez de acentuá-las.

Abramovay e Rua (2002) asseveram que:

A falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e da satisfação profissional aos professores, a sua obrigação de suportar o absentismo e a indiferença dos alunos. (p. 69)

Este conjunto de fatores ocorridos no cotidiano das pessoas envolvidas no meio escolar e na sociedade em geral, com o passar dos dias, pode contribuir para o surgimento de situações de violência e *bullying* entre os estudantes. Tais situações ocorrem quando o tédio e o desprazer ocupam muito espaço e impedem que as aprendizagens aconteçam naturalmente e por interesse dos educandos.

Para finalizar os achados teóricos sobre o *bullying*, o trabalho do professor e da equipe de supervisão e orientação escolar, Libânio (1994) traz as seguintes considerações:

Autoridade e autonomia são dois polos do processo pedagógico. A autoridade do professor e a autonomia dos alunos são realidades aparentemente contraditórias, mas de fato complementares. O professor representa a sociedade, exercendo um papel de mediação entre o indivíduo e a sociedade. O aluno traz consigo a sua individualidade e liberdade. Entretanto, a liberdade individual está condicionada pelas exigências grupais e pelas exigências da situação pedagógica, implicando a responsabilidade. Nesse sentido, a liberdade é o fundamento da autoridade e a responsabilidade é a síntese da autoridade e da liberdade. (p. 251)

Levando em conta o pensamento de Libânio (1994), dentro de um ambiente escolar a autoridade do professor e a liberdade dos alunos devem andar de mãos dadas, pois dessa forma, os casos de violência e *bullying* tendem a se tornar cada vez menos frequentes. Isto porque, tanto professores, como alunos saberão respeitar uns aos outros e, se não houver motivos para ocorrência dessas atitudes de violência simbólica, a vida escola terá mais sentido.

Considerações Finais

A pesquisa foi relevante porque falar ou escrever sobre *bullying*, do ponto de vista de educador e expectador, não é muito fácil, pois é preciso se posicionar sobre um assunto qual se lê e se vê em muitos ambientes, inclusive nas escolas. Porém, nem sempre se presencia na prática escolar. Por outro lado,

quando alguém já passou por situações de *bullying* na infância e adolescência, a vontade de escrever fica mais saliente, pois esta é uma oportunidade de contar como se sente uma vítima de *bullying*.

Considero a pesquisa importante, pois foi possível compreender que é possível minimizar ou até evitar os episódios de *bullying*, trabalhando de forma preventiva, conversando sobre o tema com os alunos, esclarecendo dúvidas e abrindo espaços para que eles se sintam seguros em compartilhar suas experiências em uma roda de conversa por exemplo.

Segundo Foucault (1980), o educador não está para “formar” ninguém e nem para “dar aulas”, dar para quem não tem, e sim, devemos apenas criar ambientes que propiciem que o próprio educando busque e encontre seu verdadeiro existir, sem que seja necessário mostrar-se para nós.

Aprendi que a escola não deve ser apenas um local de ensino formal, mas também de formação cidadã, de direitos e deveres, amizades, cooperação e solidariedade. Portanto, saber detectar pequenos desvios de conduta dos alunos, faz parte do trabalho de professores e psicopedagogos. A presença de psicopedagogos nas escolas começa a trazer resultados. Desde que esses profissionais sejam contratados para dar suporte a professores, alunos e pais, mudanças poderão ser notadas dentro e fora das salas de aula. Fazer especializações para aprender a observar situações que fogem da normalidade na sala de aula é um grande passo.

Hoje em dia o *bullying* está presente em grande parte das escolas do mundo inteiro, porém, em algumas, as consequências são mais graves do que nas outras, podendo chegar até mesmo a suicídios e/ou homicídios, dependendo da intensidade da violência praticada e da condição psicológica do praticante e do agredido. Nesse sentido, cabe ao professor “cortar o mal pela raiz” antes que ele se alastre e cause mais vítimas. Mas é preciso lembrar que o professor não age sozinho, ele depende da colaboração da equipe de gestão dentro da escola, da família e dos próprios envolvidos para que suas ações não se percam e possam ser de grande valia, tanto para vítimas como para

praticantes de *bullying*. Então, pode-se afirmar que a palavra-chave para a solução mais rápida de casos de *bullying* é, realmente, parceria, pois sem ela, dificilmente a escola atingirá seus objetivos.

Mas é preciso ficar claro que o *bullying* não ocorre exclusividade nos espaços escolares, mas está presente em toda a forma de interação entre as pessoas e vem se tornando um caso de saúde pública, pois os danos causados são de grande extensão e de difícil diagnóstico e cura, sendo assim, absolutamente imprescindível que se inicie o mais rápido possível o processo de combate a este tipo de violência.

Referências bibliográficas

ABRAMOVAY, M. **Cotidiano das escolas: entre violências**. Brasília: UNESCO no Brasil. Disponível, em <https://unesdoc.unesco.org/images/0014/001452/145265por.pdf> Acesso em 17 nov. de 2023.

CASTRO, E. C. V. M. **Concepções e práticas de professores frente a situações de bullying contra crianças com deficiência intelectual: um estudo exploratório**. 80f, pg11-12, 2012. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em <https://repositorio.pgsskroton.com/bitstream/123456789/21636/1/Val%C3%A9ria%20dos%20Santos%20Souza.pdf> Acesso em 15 nov. de 2023.

CRUZ, C. da.; LOPES, L. P.; OLIVEIRA, S. F. **O Gestor escolar e os desafios do bullying: identificar, dialogar, gerir toda a equipe e ajudar**. In: Pedagogia em Ação. v. 9, n. 1. Belo Horizonte, 1º sem. 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/15778> Acesso em 17 nov. de 2023.

FANTE, Cléo.; PEDRA, José Augusto. **Bullying escolar: perguntas e respostas**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FOUCAULT, M. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994 (Coleção Magistério 2º grau. Série formação do professor).

LOPES NETO, Aramis A.; SAAVEDRA, Lúcia Helena. **Diga não para o Bullying**. Rio de Janeiro: ABRAPIA, 2007.

TREVISOL, m. t. c.; CAMPOS, C. A. **Bullying**: verificando a compreensão dos professores sobre o fenômeno no ambiente escolar. *In*: Psicologia Escolar e Educacional. v. 20, n. 2. São Paulo, maio/agosto, 2016. Disponível em <https://www.scielo.br/j/pee/a/PFyPKw5zCnZjJ6RZghkzvz/abstract/?lang=pt>
Acesso em 17 nov. de 2023.